

EXPEDIENTE.

A distribuição começa hoje quinta-feira á 1 hora da tarde; aos Srs. que, o mais tardar quatro horas depois, a não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar; para se providenciar.

CONHECIMENTOS UTEIS.

DIQUE FLUCTUANTE PARA INTRODUSIR EM PORTUGAL.

2714 TEMOS por noticia que o Sr. João L. Spinola, natural da Ilha da Madeira, estabelecido ha já muitos annos, nos Estados-Unidos, acaba de chegar a esta cidade na escuna americana *Delaware*, vinda do Porto, com o bellissimo modelo de um dique fluctuante, inventado pelo Sr. John S. Gilbert de Nova York, o qual já foi adoptado pelo ministro da marinha americana, conformando-se com o parecer da juncta nomeada para examinar tal invenção, e concedendo o governo ao auctor privilegio por vinte annos.

Este dique já se acha em serviço em Nova York. A sua construcção é muito simples, e pouco dispendiosa, sendo todo de madeira; e a unica machina, de que necessita, é uma de vapor para tocar as bombas que tiram toda a agua no espaço de hora e meia, ficando o dique inteiramente secco.

Sendo necessario póde facilmente transportar-se para qualquer parte para receber a embarcação para concerto, com toda a sua mastreação e carga: — este concerto póde ser de costado novo, cavernas e quilha, se fór necessario; tudo isto com a maior segurança, e desafogo para os carpinteiros trabalharem á vontade: — a enchente e vasante das aguas não causam o menor obstaculo.

Estes diques pódem-se fabricar com dimensões para receberem em si qualquer navio de guerra até 5000 toneladas.

O Sr. Gilbert tem obtido dos governos, brasileiro, francez, e austriaco privilegios de muitos annos pela introduccção d'estes diques fluctuantes, que em toda a parte tem provado maravilhosamente.

Portanto esperamos que n'esta era de melhoramentos, de progresso e de especulação não faltará quem faça ao Sr. Spinola propostas vantajosas para estabelecer estes diques, não só para Lisboa, mas tambem para o Porto e mais logares onde convier. Muitos navios entram aqui arribados, para se concertarem, e d'estes não poucos se condemnam por falta de arranjo para a obra; d'onde resulta de mais a mais uma diminuição de trabalho aos nossos artifices. Em tudo isto se deve reflectir para se não pôr nenhum obstaculo a uma coisa, já experimentada e approvada pela Europa, e de que tantos proveitos se tiram, não sendo o menor o livrar as embarcações dos perigos mui frequentes do virar de querena, operação curativa sim, mas de que muitas se tem levantado alquebradas e com achaques que não padeciam d'antes.

NOTICIA UTIL A COMMERCIAENTES.

2715 JULGAMOS util publicar as seguintes particularidades a respeito dos encargos a que está sujeita a importação da laranja e limão nos portos da Grã-

FEVEREIRO — 29 — 1844.

Bretanha, a fim de facilitar os calculos e as especulações dos nossos negociantes.

Direitos nas alfandegas britannicas sobre a laranja e o limão.

Pelo estatuto 5.º, 6.º, vict.º cap. 47 (1842) §. 40.º a laranja e o limão pagam: —

Por caixa que não excede 5:000 polegadas cubicas — 2 schillings e 6 pences.

Por dita de 5:000 a 7:300 polegadas cubicas — 3 schillings e 9 pences.

Por dita de 7:300 a 14:000 polegadas cubicas — 7 schillings e 6 pences.

Por cada 1:000 polegadas cubicas além das 14:000 — 7 ½ pences.

Laranja a garnel por 1:000 — 15 schillings.

Pela avaliação, se o importador quizer — 75 por cento.

Pelo mesmo estatuto §. 42.º se recebe o direito adicional de 5 por cento sobre o total do direito a cima declarado.

As caixas que pagam lib. 0 » 2 » 6 devem conter mais do que as seguintes dimensões:

Comprimento externo — 37 polegadas inglezas.

Comprimento interno (abatendo 3 polegadas para as 3 taboas) — 34 ditas.

Largura — 16 ditas.

Altura sem cone — 7 ditas.

Extremo cone, um terço adicionado á altura de 6 — 2 ditas.

Assim, a extensão da caixa será de 34, a largura 16, e a altura 7; juntando-se o ½ de 6 = 2, obtem-se a solidez, n'esta proporção, 34-1-16-1-9 = 4:896 pollegadas, menos 104 das 5:000 polegadas. Qualquer desvio d'esta norma excede as dimensões que pagam 2 schillings e 6 pences, e paga-se então 3 schillings e 9 pences.

Das caixas que pagam 3 schillings e 9 pences, a solidez deve conter estas proporções:

Comprimento externo — 37 polegadas inglezas.

Comprimento interno (3 polegadas para as 5 taboas) — 34 ditas.

Largura — 17 ditas,

Altura sem cone — 9 ditas.

Extremo cone, isto é, um terço de altura — 3 ditas.

Temos pois 34-1-17-1-9-1-3 = 6:936, menos 364 polegadas das 7:300.

Tem-se notado que é grande erro mandarem de alguns portos, especialmente de Setubal, caixas chamadas *malheite*, porque pagam o direito lib. 0 » 2 » 6 como as outras caixas (*halfchests*) não tendo tanta solidez, e só porque são chamadas caixas inteiras. A

Folha Commercial de Lisboa.

RECTIFICAÇÃO DE UMA IDÉA DE ECONOMIA POLITICA.

2716 Em 1840 publicou o Sr. A. A. Martins um pequeno folheto, em que compendiou as idéas de Mr. Chitti, ácerca da reforma do systema monetario, considerada como meio de remediar as crises financeiras e commerciaes.

A theoria de Mr. Chitti não é mais que o desinvolvimento de um principio que Ricardo expoz nos seus *Principios de Economia Politica*. Ricardo pertendia, que a substituição da moeda metalica por um papel-moeda, cuja emissão fosse circumscripta dentro de

certos limites, seria assás proveitosa ao paiz que a admittisse. Este célebre escriptor reconheceu todavia, que duas grandes objecções poderiam ser oppostas ao seu systema, e fez esforços para as destruir. Estas objecções, a que Mr. Chitti tambem procurou responder, são as seguintes: —

1.^o É principio geralmente admittido pelos economistas, que o fundamento do valor monetario dos metaes preciosos é o seu valor intrinseco, ou valor de uso, ou valor de utilidade, conforme as diversas denominações adoptadas pelos escriptores de economia politica, as quaes todas significam a mesma idéa, convem a saber — a capacidade de satisfazer directamente alguma das necessidades sentidas pelos homens.

2.^a Vencida porém esta difficuldade, e alcançado o meio de dar ao papel-moeda valor intrinseco, é mister ainda achar o meio de impedir os abusos que intente praticar a auctoridade encarregada da sua emissão. Ricardo, posto que tivesse na sua grande obra admittido os gastos de producção como principio regulador (*) dos valores de troca, julgou solver a primeira objecção, dizendo que o papel-moeda podia alcançar valor pela raridade. E a segunda respondeu, appellando para a responsabilidade dos funcionarios publicos nos paizes regidos por governos representativos.

Mr. Chitti reconhece que o valor de troca ou preço de um producto depende essencialmente da sua capacidade para satisfazer as necessidades humanas. Porém intende que esta capacidade existe na moeda, independente do valor da materia, de que é fabricada, porque o numerario satisfaz uma das necessidades mais extensas e imperiosas da sociedade — a das trocas. E d'aqui conclue, contra a primeira objecção, que o papel-moeda, sendo raro, póde obter valor intrinseco, como seja muito mais apto que os metaes preciosos para satisfazer a necessidade das trocas. A esta reflexão poderíamos responder em duas palavras, que o numerario não satisfaz a necessidade de trocar, porque semelhante necessidade só as trocas a podem satisfazer.

Mr. Chitti cuida que a lei da offerta e procura póde dar valor ao papel. Mas não adverte, que a procura é determinada pelo valor intrinseco das coisas, porque ninguem se sujeita a fazer sacrificios para alcançar objectos sem valor. Nem está na mão de qualquer governo dar valor ao papel, por mais limitada que seja a faculdade de o emittir, porque a simples raridade de um objecto nenhum preço lhe póde dar, faltando-lhe o valor de uso, ou o valor intrinseco.

A resposta á segunda objecção funda-se, como a de Ricardo, no principio erroneo e desmentido pela experiencia de todos os paizes, que nos governos representativos se podem cohibir todos os abusos das auctoridades publicas.

Joaquim da Rocha Pinto de Sousa.

(*) Notaremos de passagem, que este principio, attribuido geralmente a Ricardo, se encontra exposto com precisão, e applicado a difficeis assumptos economicos n'uma obra publicada alguns annos antes dos primeiros escriptos d'este célebre economista. Queremos fallar dos principios de economia politica de Canard. Esta obra tem sido pouco lida, e mal avaliada; o que se deve attribuir ao estylo obscuro e fórmulas strictamente mathematicas, de que seu auctor a revestiu.

PODEROSO AUXILIAR PARA PINTORES.

2717 M. ROUILLET de Lyão apresentou ao governo francez um apparelho seu, que serve para com a maior promptidão se tirarem debuxos de todo e qualquer objecto. O governo francez mandou-o examinar por uma juncta; eis os problemas, que M. Rouillet resolveu, e a que a juncta deu cabal approvação.

1.^o A projecção polar em uma superficie plana, ou a perspectiva dos objectos, a que se deem dimensões mais ou menos curtas, que as do original.

2.^o A projecção polar em superficies inclinadas e desiguaes, cuja fórma e dimensões podem avaliar-se. Este problema serve principalmente para a construcção de panoramas e dos quadros a que chamam *perspectivas curiosas*.

3.^o A posição aparentemente perpendicular das imagens obtidas em superficies curvas.

4.^o Augmento de volume de toda figura plana.

5.^o Projecção ortogena, ou debuxo geométrico das partes de um objecto observado de um ponto fixo. O mesmo apparelho, com ligeiras modificações, serve para resolver cinco problemas.

Consiste este invento em uma caixa, sobre a qual se estende e conserva-se muito tesa um panno bem transparente.

A juncta depois de ter examinado este apparelho o approvou: e conclue a sua relação com o seguinte: —

« O apparelho de M. Rouillet parece-nos util aos artistas. Nenhum methodo se presta tanto como este a ser executado, nem é mais breve nem mais fecundo em bons resultados. Não cuidamos, que por elle se dispense o saber desenhar, mas temos que servirá aos desenhadores para lhes forrar tempo. A rapidez com que, por assim dizer, se calca sobre o modelo, permite escolher attitudes difficeis, escórço e effeitos de luz por passageiros que sejam; e finalmente facilita as copias de originaes que por outro modo precisariam de uma memoria mui exercitada. Verdade é, que os delicados e minuciosos pormenores escapam a este processo pela difficuldade material, que se offerece ao calcar objectos mui pequenos com um lapis muito tenro e em um panno mais ou menos grosseiro e elastico. Porém M. Rouillet faz bosquejos e não quadros, e não é pequeno serviço, que presta aos artistas, abreviando-lhes as operações que são até certo ponto puramente materiaes. »

NOVO ALVITRE PARA A FABRICAÇÃO DA SEDA.

(Carta.)

2718 A satisfação com que leio a *Revista Universal*, logo que a recebo, me fez suggerir uma idéa, que não deixará de ser bem acolhida, no seu interessantissimo jornal, porque me parece muito a beneficio, da verdadeira cultura da seda, que posto se fabrica na nossa terra ha muitos annos, o desleixo, e outros muitos inconvenientes, tem feito com que se não tenha tirado muita vantagem d'ella.

Para esta industria se tornar mais vulgar, e rendosa só por meio de uma sociedade de verdadeiros nacionaes, que tomem a peito esta producção, é que me parece, se tornaria em breve um manancial de riqueza para o nosso reino, muito mais se tiver a seu

favor a proposta do Sr. Sales, feita no artigo 2562 da *Revista*. Uma sociedade ou companhia de empreendedores d'esta forma, me parece que, não só tiraria lucro, mas também fóra o unico meio pelo qual se estabeleceria radicalmente este importante ramo de industria.

Conceda-se-lhe gratuitamente, para este fim, um edificio publico, dê-se aos primeiros, empreendedores um premio conforme aos seus serviços: animem-nos, e vêr-se-ha que todos, quererão alistar-se para combaterem contra a apathia que tem havido n'esta bella cultura, que tanta riqueza póde dar a Portugal.

É necessario porém conceder seguranças para se facilitarem e animarem as empresas que se tenham como verdadeiras promotoras do progresso das artes, e industria nacional. Estou persuadido de que empregando estes e outros meios, teremos em nossa terra um valioso ramo de industria, que não só dará honra ao governo mas também proveito.

Por esta occasião pedimos á camara municipal de Lisboa, que haja de mandar pôr alguns pés d'amoreiras no campo de Sancta Clara, no largo da Graça, e mesmo nas Obras de Sancta Engracia; visto que são terrenos bastante espaçosos, proprios para estas arvores, e que ficam á mão para os moradores d'estes bairros, terem folhas para os seus bichos: e também para aformoseamento d'estes largos.

Izidoro José Gonçalves.

DEFENSA DAS MULTICAULES.

(Carta.)

2719. TENDO lido o annuncio, que sob o titulo — cultura da seda — saíu na *Revolução de Setembro* de 24 de janeiro proximo passado, pelo qual se conhece perfeitamente, que o empenho do auctor fóra recomendar por todos os modos e a todo o custo a venda das suas amoreiras, pelo que preambulou com uma exposição toda em descrédito das multicaules; posto eu lesse igualmente a victoriosa fórma, com que a *Revista Universal Lisbonense* promptamente combateu tal annuncio, intendo dever acudir a esta contenda; — tanto pelas ter eu introduzido em Portugal, como por ter annuciado a venda das estacas, affiançando sua boa qualidade, e a vantagem que por ellas viria ao desinvolvimento rapido da seda; — acerescendo para corroborar esta opinião, o que tenho observado, tanto nas minhas criações de bichos, como nas dos meus amigos, as quaes, mui affoitamente posso asseverar, terem sido em maior ponto, que as do auctor do annuncio; e por conhecer o grave mal, que aos interesses do reino póde occasionar, o estar-se-lhe a affirmar que é máu, o que aliás muitissimo lhe convém possuir, por isso me delibero a rogar a V. a publicação das razões que apresento para tornar inabalavel a reputação das multicaules.

Sendo esta a primeira vez que me dirijo a V., como redactor da tão util como agradável *Revista Universal Lisbonense*, não posso perder a occasião de lhe significar os meus mui cordiaes e sinceros agradecimentos pela decidida coadjuvação, que tem prestado ao meu projecto e aos meus desejos de vêr desinvolver-se em Portugal o grande recurso, que a seda lhe póde ministrar, o que bem se percebe estar completamente identificado com a opinião de V.; e por isso

rogo constancia e efficacia até vermos preenchidos nosos fins; também não posso deixar de agradecer a obsequiosa maneira, porque V. em algumas occasiões em que tem tractado d'este particular, tem mencionado o meu nome; circumstancia que me tem proporcionado a satisfação de receber das provincias cartas de diversas pessoas, que já vem coadjuvando este desinvolvimento, com o que vae gradualmente crescendo o numero dos interessados n'este ramo de industria.

Como já disse ter sido o introductor das multicaules em Portugal, convém declarar, que os 500 pés que se compraram em França, se mandaram passar a Inglaterra, com a mira em aproveitar a rapidez e combinação dos vapores, o que tudo formou a avultada somma em que importou a encomenda. Todos hão-de acreditar, que ella se não teria feito, senão depois de se obter a confirmação de que a experiencia abonava a bondade e conveniencia que os diversos escriptores publicavam sobre a utilidade da folha d'este novo arbusto para as criações dos bichos da seda: e temos o mais positivo desengano pela mui interessante e proveitosa obra que em portuguez acaba de publicar o illustrado auctor e antigo pratico o Sr. *Luiz Walter Tinelli* com o titulo — *arte de cultivar a seda*. — N'ella classifica o auctor a paginas 17 as multicaules como uma das especies suas favoritas, e desde paginas 24 até 26, se encontram scientificamente descritas todas as boas qualidades do arbusto. E para remate e desengano do bem que em Portugal os bichos comem a folha, e da boa seda que produzem, temos a prova na existente em rama, fiada em agosto passado em *Barcarena*; esta se mostra a quem a desejar vêr, o que se proporcionará mesmo em Lisboa, rua das Flores n.º 37, para maior commodidade dos intendedores ou curiosos.

Sou affeioado aos debates, ou esclarecimentos de boa fé; póde, apesar do que leve exposto, haver uma illusão da minha parte, e por isso rogo ao auctor do annuncio contra as multicaules, nos apresente positivos exemplos dos máus resultados, e em que logares se tem abandonado a applicação d'esta folha nas criações de bichos; nos indique seu nome, porque a questão limitada a conveniencia ou não conveniencia das multicaules, não envergonha; e assim se conhecerá que foi por convicção e não por má fé, que deitou o seu pregão, e finalmente servirá para conhecer-se quem tem razão, e o que é de mais vantagem ao paiz para se adoptar.

Muito mais poderia dizer; mas d'isso me privo, por não ser mais extenso.

Lisboa 21 de Fevereiro de 1844.

De V. etc.

Antonio Pedro de Sales.

O QUE SE TIRA DE TRACTAR COM AMOR OS ANIMAES.

2720. Não obstante a superabundancia que sempre temos de materias originaes para a nossa folha, cedemos á tentação de traduzir para ella o seguinte de um jornal scientifico de França; que, sobre ser util aos lavradores e aos creadores de gados, utilissimo póde ser aos paes, mães, mestres e mais creadores da infancia e adolescencia. É uma preleção

de historia natural, em que virtualmente se contém uma prelecção social de grande tomo: —

« Os animaes creados com suavidade saem esper-
tos, activos e doces; trabalham sem repugnancia:
as forças, que teem, empregam-n'as sempre e por
modo certo e fazem muita obra sem se estafarem. Os
que teem viajado nas partes do levante, attribuem o
possuir o cavallo arabe tantas excellencias, e o mos-
trar sempre em todos os lances a seu dono tanta leal-
dade, aos desvellos, com que lá o criam na propria
tenda da tribu. O circassio é n'isto como o beduim:
tracta ao cavallo como ao filho; com elle dorme; com
elle brinca: não o espanca por mais travessuras, que
lhe haja feito; reduzindo o castigo, onde o caso lhe
parece requerel-o devéras, em interromper-lhe por
um pouquinho os folguêdos e os afagos, da qual
privação teem aquelles brutos mais pena, que se os
moeram com pancadas: quando chegam a poder com
um homem, deixam-se dirigir ao sabor e phantasia
do cavalleiro, sem haverem mistér de nenhum gene-
ro de aperreamento. Assimêlham estes cavallos aos
do *Nedji*, na Arabia, assim pela estampa, como pelo
veloz e seguro do correr, pelas forças e espiritos ge-
nerosos e benignidade da condicção: são muito pene-
trativos; percebem pelos ares o que lhes diz o dono.
Vê-se o cavalleiro circassio n'uma batalha apertada,
constrangido a ir retirando, pertende ainda então de-
ter o inimigo ou refrear-lhe os impetos da arremetti-
da, faz signal ao cavallo que se deite, se estire e
se finja morto; deita-se o cavallo, deita-se por traz
d'elle o homem, assenta o cano da arma sobre a ca-
beça do bruto, aponta, dispara. Regala ver estes
bons quadrupedes quando andam a brincar com as
creanças; estão por tudo quanto lhes ellas fazem e
poem mil sentidos em as não molestarem nem por som-
bras. »

« Os animaes, creados com selvajaria, saem sem-
pre malignos; fazem-se estupidos, desconfiados e des-
obedientes. Quasi que não ha cavallo máu, que o
não seja, por ter sido maltractado em pequeno. Ha-
veria nascido com genio, veio um bruto embebel-o
de cholera vingativa; e tanto bastou para ficar odiando
a toda a especie humana. »

« O desabrimento é um pessimo systema para que-
rer dominar os brutos. Por muita gente o seguir, é
que se estão vendo algumas raças por estas nossas
terras serem tão engoiadas e debeis, não obstante o
muito que se gasta em as manter. Não ha dono al-
gum de gado que não tenha notado nos seus curraes
a differença de magreza de algumas bestas, que aliás
não comem menos nem trabalham mais que as suas
companheiras. As que andam á conta de moços de
máu genio, raivosos e desassisados, que as atormentam
sem quê, nem para quê, estão sempre dessor-
viçaes; muitas vezes mancas e doentes: pelo com-
mum são molles; só trabalham quando lhes dá na ca-
beça; e se lhes batem, cobram por alguns momen-
tos um esforço desordenado; atiram-se pelos ares;
tomam para a direita e para a esquerda, escor-
regam, caem, estropiam-se; distendem ligamentos,
apanham contusões, fracturas e aneurismas. »

« Os animaes maltractados andam sempre tristes,
e o veneno solapado da melancholia os derranca a olhos
vistos; digérem mal; teem indigestões amiudadas;
trazem a pelle sobre os ossos; e o pello aguado. Não

sei se é por se lhes ter alterado a constituição, se
por andarem sempre com medo da gente, nem o man-
timento, nem o penso, que recebem, lhes luz nada.
Os lavradores, que engordam rézes para o talho,
sabem por experiencia, que os bois, que são ami-
gos do boieiro, que lhe andam sempre na pista, que
se alegram quando elle lhes faz festa, engordam
muito mais depressa, que os ariscos e semi-silvestres,
que, em vendo avisinhar-se a pessoa, que tracta
d'elles, já se poem a olhal-a de revéz e desconfi-
ados. »

« Nas femeas vê-se quanto o agazalho e carinho
influem na secreção e excreção do leite. A mão, que
ellas sabem ser sua amiga, e a bocca da sua cria,
causam-lhes nas tétas certa sensação delectosa que se
conhece muito bem pelo modo, como o animal se
põe a remoer pausadamente, e olhar para a ordenhadei-
ra com satisfação e affecto. Este estado de erecção
nos úberes é favoravel á secreção, e necessario á ex-
creção do leite. As vacas, em quem esta erecção se
não dá, as que padecem saudades dos seus bezerrin-
hos, as que são tractadas por pessoas estranhas ou
brutas, não dão muitas vezes nem gotta de lei-
te; e muitas e muitas ha, que se não deixam mun-
gir senão de mãos conhecidas e amigas; ou quando
primeiro as brindaram com alguma golosina. »

« Os toiros paes necessitam de exercicio, para con-
servarem a faculdade prolífica, e gerarem filhos ro-
bustos. Se as vacas folgam com ocio no seu curral,
o toiro ha-de transpirar, para que se não torne obé-
so, perigoso e inimigo do homem. A força e pelo ri-
gor não ha leval-o: só com um trabalho modico, e
muita benignidade é que se conserva agil, tractavel
e amigo: desde novillo o hão-de ir acostumando á co-
leira e ao tirante, para poderem lançar-lhe a canga
e sujeital-o a fazer alguns trabalhos brandos e compa-
tíveis com a sua idade, taes como carreações leves,
gradar, etc. »

« Antes da idade de quatro ou cinco annos não se
lance ao toiro carga sobre o espinhaço, para lhe não
retorcer e desfigurar a columna vertebral, o que o
tornaria máu para a geração, por ser aquelle um de-
feito que os filhos herdaram. Não devem castigar mais
de uma vez por dia, mormente emquanto não vin-
garam os primeiros tres annos. O praso de começarem
a fecundar é entre os quinze e deoito mezes, segun-
do estiverem medrados. »

« Antes dos quatro annos não convem dar-lhes avêa,
salvo se tiverem de os obrigar a algum trabalho mais
aspero. No inverno, feno e raizes; no verão, herva;
e em todas as estações, um punhado de sal pela ma-
nhã em jejum: com isto se fazem afeiçoados ao ho-
mem, trazem as secreções desembaraçadas e o pello
lucidio até no inverno. »

« Um ponto muito importante é, que todos os dias
infallivelmente se hão-de limpar com almofaça, brus-
sa e luva: sem isso, teem comixões na pelle, que
os fazem inquietos e malfazejos: precisam de se co-
çar, e, apenas acham aberta, vão esfregar-se por
onde podem: é portanto bom precaver-lhes, a tem-
po e em casa, esta necessidade. O vaqueiro, que
alimpa, é sempre recebido entre o gado com alegria:
não ha toiro que não olhe com gosto a quem lhe ap-
parece de almofaça em punho. »

« Os castigos, de que os animaes realmente care-

cem, hão-de-se-lhes applicar com discernimento, dando-lhes a conhecer que, para aquillo, tiveram culpas; e isto immediatamente depois do castigo; afim de que, para ao diante, a lembrança de desatinar lhes venha sempre acompanhada da lembrança da pena. Tudo está, diz *Rodat*, em saber dar aos brutos a consciencia das suas maldades, sem o que lá lhes fica a ferver mudamente no interior o sentimento da injustiça. Enquanto os animaes são moços hão-de-se tractar sempre com brandura: ha-de-se-lhes captar a affeição com caricias, golodices, assucar e sal. Os animaes podem ser educados sem brutaria nem pancadas. Todos os nossos sentimentos para com elles sabem-n'os elles intender e apreciar. São susceptiveis de amizade, de temor, e de respeito, e alguns teem muita presumpção. Necessitam de ser amados, acarinhados e louvados. Devem-se castigar pelo stylo dos circasios, que é prival-o das mostras de affeição, que se lhes costumavam dar. »

« Muitos animaes ha, que não são bravos senão por terem demasia de forças: esses taes são impacientes, incapazes de estar parados ou de obedecer. Seguem involuntariamente todas suas phantasias. O remedio é diminuir-lhes a mantença; sangral-os e sujeital-os a trabalhos acres, que lhes gastem o superfluo da vitalidade e os tornem mais doces. »

« Se ainda não bastar é bradar-lhes rijo e ameaçal-os: mas isso com parcimónia porque as ameaças muito amudadas perdem a sua virtude medicinal. »

« Os instrumentos de espancar só em casos extraordinarias hão-de servir; e hão-de sempre preferir-se aquelles que não podem fazer ferida nem contusão, mas só dór passageira ainda que seja muito viva. »

« Além dos meios ordinarios de correcção, tambem o prival-os do somno e da comida é receita muito averiguada para os domar. O modo é facil: passam-se alguns dias sem os deixar dormir, nem comer, e depois vae-se ter com elles apresentando-lhes boa pitaça. Se estão doces e obedientes deixam-se comer e ficar em socego, quando não, continua-se-lhes com o jejum e com a vigilia. »

VARIEDADES.

— COMMEMORAÇÕES.

PROCISSÃO DOS PASSOS DA GRAÇA.

ANNO DE 1586.

2721 A PROCISSÃO dos Passos de Christo foi instituida em Lisboa no convento da Graça, em tempo dos Philippes, com a mesma perfeita e veneravel imagem que ainda hoje vemos ir n'esta solemnidade.

E porque anda na tradicção popular uma historia, que todos sabemos e muitos accreditam, qual é, a de que esta imagem do Senhor dos Passos da Graça fôra offerecida em venda aos padres jesuitas de S. Roque, que, não a querendo estes, a compraram os frades ou a irmandade da Graça; que passados tempos, como fossem rendendo espantosamente as esmolos, os de S. Roque allegaram, não sabemos que direitos, á imagem ou ás esmolos, pelo que houve uma demanda, que se re-

solveu em certa composiçãõ, concordata ou coisa semelhante, na qual fôra clausula ficarem os de S. Roque com o Senhor, se lá pernoitasse além da vigilia da procissão que alli passa o Senhor dos Passos, isto é, se não voltasse na sexta-feira para a sua igreja; e que, finalmente, por isso n'esta tarde sae sempre a procissão, muitas vezes debaixo de chuva e cantaros, de trovoadas horriveis, como se tem visto, etc., nós, querend averiguar isto, vimos que era tudo uma d'essas invenções a que já não ha accertar com a origem!

A verdade historica e authentica é esta. — Houve em Lisboa um pintor de pouco vulto, chamado Luiz Alvres de Andrade. Era tão lembrado das almas do purgatorio, que lhe attribuem a invenção de as haver representado com as mãos postas entre chammaz fazendo grande numero d'estas pinturas em taboinhas, com o pedido de um *P. N.* e uma *A. M.* pelas almas, e mandou pendurar estes paineis em todos os logares e praças publicas do reino. E parece que isto durou muito tempo antes de passar para os azulejos, por quanto nos lembra ter lido n'algum dos nossos escriptores antigos, assim em ar de comparação proverbial — *razo como uma taboinha das almas.*

Este pintor, homem mais dado a devoções do que á arte, tractou em 1585 de requerer e lidar para que se instituísse em Portugal a procissão dos septe *Passos* ou *Estancias*, ao uso de Hispanha. Certo veneziano que tinha vindo a Lisboa feirar em imagens, sabendo d'isto, levou ao nosso pintor Luiz Alvres algumas cabeças de Christo para ver se queria comprar, o que succedeu, escolhendo elle a melhor, que lhe custou um quartinho (tres crusados, então). É com effeito uma bella cabeça, e a expressão mui apropriada, coisa rara nas mais das imagens que por ahi vemos.

Feita assim esta acquisição, mandou armar a imagem em roca, com sua charola, e a deu á irmandade da Graça. Depois de feitas as capellas para as estações desde S. Roque até á Graça, (ainda existem as mesmas, exceptas a do Rocio e do largo de S. Roque [*]) se fez a primeira procissão, na segunda sexta-feira da Quaresma do anno de 1586, o que em todos se tem continuado até agora com muita solemnidade.

Esta imagem é com effeito a de mais nomeada que tem tido Portugal. Nunca sae da sua igreja senão n'esta procissão, ou quando alguma pessoa da familia real está em perigo de vida; para isso se costumava d'antes expedir um decreto do rei; e não ia senão para a Sé ou para a real capella, sempre acompanhada da sua irmandade e dos frades graciosos.

A irmandade do Senhor dos Passos da Graça foi sempre mui respeitavel e respeitada, por ser composta de muita fidalguia e pessoas d'auctoridade, como ainda hoje, e é sobremodo louvavel o mui portuguez e christianissimo empenho com que sempre tem mantido o culto e esplendor d'esta edificante procissão.

A. da Silva Tullio.

[*] Foram mandadas demolir pela Camara Municipal, nos recentes despejamentos da cidade, e com rasão, porque estavam mal situadas. Mas a do Rocio foi já restaurada convenientemente no antigo chão, e propriedade da casa de Cadaval; e a do largo de S. Roque tambem em breve será de novo erigida em terreno que para isso offereceu o actual possuidor, o Sr. Caldas Aulete.

**TRACTAMENTO SEGUNDO AS LEIS
PORTUGUEZAS.**

(Communicado.)

2722 ENTRE nós, erigindo-se os tractamentos em honra, destinaram-se para se distribuirem pelas pessoas, não reaes, tres d'elles, o d'*excellencia*, o de *senhoria illustrissima*, e o de *senhoria*.

A *senhoria illustrissima*, que, descendo de superior para inferior, é o segundo na sua ordem hierarchica, deu-se aos mosenhores da sancta egreja patriarchal de Lisboa. Aos viscondes, barões, e aos do conselho deu-se *senhoria*, que na dicta ordem é o terceiro, e aos senhores de terras e aos alcaides môres de castello d'elrei não se deu tractamento, apezar de todos estes terem assento no braço da nobreza em as antigas côrtes, o que os mosenhores nunca tiveram.

Aos moços fidalgos em exercicio no paço e a suas mulheres, irmãos e filhos coube o tractamento de *senhoria*. E as pessoas com fôro de fidalgo, que é superior ao fôro de moço fidalgo com exercicio no paço, e é o fôro, cujo nome começa pela palavra fidalgo, e que comprehende o fôro de fidalgo do conselho, o fôro de fidalgo de solar, o fôro de fidalgo cavalleiro, o fôro de fidalgo escudeiro, e o fôro de fidalgo capellão, e suas mulheres, irmãos e filhas não mereceram tractamento.

Aos grã cruces das ordens militares de cavalleria concedeu-se *excellencia*. E aos commendadores, cuja dignidade nas tres ordens é em inferior gráu immediata á de grã cruz, não se concedeu tractamento.

Os conegos d'alguns cabidos, porque eram conegos d'esses cabidos, foram brindados com o tractamento de *senhoria*. E os ministros das relações, que, quando accordam, formam tribunal, a que outrora presidiam os reis, e em que se decide da fazenda, honra e vida dos cidadãos, não foram julgados dignos de tractamento.

Estas incoherencias muito contribuíram para cair em desuso a cortezia de *mercê*, e a meia cortezia de *vós*, porque a parcialidade das leis dá aso á sua transgressão.

O GOVERNO NAS MÃOS DO VILLÃO.

MEMORIA DO SEculo PASSADO.

II.

Nem bastão quantas vides Baccho planta,
Nem quanto a loura Ceres pão semêa:
Nem quanto gado Pan pasce cad' hora,
Nem quanta caça a grã Diana cria,
Nem quanta fructa rega a bella Flora.

P. de Andrade Caminha — Epigrama XCIV.

CÊA QUE FARTE.

2723 O NOBRE, e muito antigo *solar da Lobaria*, edificado, n'aquellas sanctas e folgadas eras, em que os nossos portuguezes

Eram homens de barbas té á cinta,

De retorcidos, asperos bigodes,

Não barbicas de agora, amoladinhos,

Tres-calando pivêtes,

por um senhor muito illustre e valoroso, de cujo nome não resa o empoeirado manuscripto, de que vou colhendo esta interessante e veracissima *memoria*, apresentava ainda por meado seculo desoito, em que principiou manso e manso a derrocar-se, como acontece a todos os edificios d'esta terra miseravel e acaba-

diça, apresentava, — como ia disendo — um aspecto de guerreira arrogancia, com seus laivos de *feudalismo*; porque assim era mister que fossem as honras e solares poderosos, por causa das continuas alterações, que por esses tempos havia.

Era bonito, — muito bonito a valer, — e, já se sabe, por *consequencia* romantico.

Oh! que se esta discripção coubesse por sorte a Alfredo de Vigny ou a Walter Scott, então... então veriam como elles a faziam; mas se a mesquinha da casa era Portugueza, que remedio ha, para que se saiba que existiu, senão que um Portuguez se deite aos mares para fallar della! Ora se fosse um Portuguez poeta, ou — pelo menos — fazedor de versinhos d'agua doce... va! mas eu?... eu, que...

¡Malfadado *solar da Lobaria*, em que mãos te vês mettido!

Eu bem sei que se fosse poeta havia de dizer que aquellas varzeas e prados, aquelles pomares e hortas tão louças e tão donósas, que ao sopé se lhe estendiam pela parte do occidente, se assimilavam a aveludadas alcatifas de verdura, recamadas de flores suavissimas e variegadas, e de fructeiras, cujas cimas desapertadas em viço e gala, ondeavam á mercê das brisas, carregadas de mil cantores alados e plumosos.

Bem sei que havia tambem de dizer que pela parte do levante se assentava sobre um rochedo macisso, alpestre e alcantilado, por cujas ôcas sinuosidades redemoinhava em crespos frôcos de nevada espuma um profundo riacho, que ia levar seu tributo ruidoso ao magnifico leito do Minho, que tambem corria a levar ao Oceano a nata mais pura de suas ondas, como a cidade de Burgos levava ao *Califa* de Córdova as suas donzellas mais formosas.

E bem sei tambem que podia dizer, que quem olhava da parte de Galliza para aquella casa *acastellada* e respeitavel, dominada pela torre verde-negra, que do seio lhe avultava campeando, pensava lá consigo, — porque então ainda não havia a exquisita mania de publicar pela imprensa os mais occultos pensamentos, — que bem se poderia comparar com um gigante de granito, cuja fronte erguida parecia reger as nuvens, que a envolviam, com sua corôa de aguçadas amêas, e olhar para os plainos e para o rio, que se lhe achatava lá por baixo, com seus olhos sombrios e malditos, com seus olhos... — que eram duas sétteiras.

Mas tudo isto era se fosse poeta; porém como o não sou... — e Deus me livre da damnada idéa de esperar colocar-me, um dia, n'essa conta; direi na minha linguagem rasteira e comesinha que o interior da casa da *Lobaria* não correspondia ao exterior.

Salas... e mais salas... mas que desordem, que mau amanho, sancto nome de Deus!

Ora n'uma dellas, que se chamava por *excellencia* a *sala do comer*, — nome que lhe pegou, porque, de certo, lhe veio de Galliza, e tanto basta, — é que eu vou agora contar aos meus pacientissimos leitores, que se estava comendo uma cêa, ¡oh! que cêa! e não se admirem: n'essas éras de atrazo, e de rudeza não tinha ainda apparecido *Broussais*, nem *Gall*: não era ainda o ceiar um *anachronismo*.

Em volta de uma longa e estreita mesa de carvalho, sobre a qual fumava uma tremenda pósta de vacca

com o seu competente presunto e salpicão n'uma enorme e floreada *bacia* da India, que emparelhava com um profundo *alguidar* de fabrica nacional, transbordando de *arróz de forno*, entre cuja superficie açafreada se aninhava um gordo e bem cevado pato *ganço*, comia e bebia a familia de D. Anna de Amorim, isto é: ella, que estava assentada á cabeceira, e o seu reverendo capellão padre Bernardo, que lhe ficava fronteiro, e que era um verdadeiro *Bernardo* no avaliar o sabôr de uma boa pinga de *Alalaga*, ou de *S. João de Longos valles*.

Comiam e bebiam estes dois sómente, porque D. Helena, que estava á direita de sua mãe, pálida, e com uma especie de susto a ressumbrar-lhe no rosto, queria, mas não podia; e para se não tornar suspeita, ou talvez para espairecer o pensamento, que parecia arder-lhe em labaredas, lançava uns pedacinhos de pão ao seu *bichano* maltêz, que alli lhe estava careando a compaixão com seus cortejos, e que mal colhia a prêa ás unhas, ia sorrateiramente devoral-a para sobre um montão de milho, que estava para um canto da sala.

— D'isto se espantam? . . . pois que presumiam? . . . *parce-lhes que não diz a falla com os trajos*, como perguntava a comedia de Sá de Miranda, *ou esperavam d'elles alguns triques troques?*

— Espantam-se? pois olhem que não digo tudo; porque se eu fallasse das molduras carunchosas do tecto, e dos azulêjos mutilados das paredes; se eu fallasse dos moveis e aderêços, em que a nobresa corria parrelhas com o desalinho, se eu dissesse a verdade nua e crúa. . . e devia fazel-o em consciencia, que não sou homem para

D'un nain faire un Atlas, não sou homem para. . . .

Adiante, adiante.

— Ha que tempos não comemos nós aqui uma *truta marisca*, ou *salmonete*, disse, emfim, D. Anna, volvendo os olhos, ora para o capellão, ora para o *escudeiro*.

— É verdade. — respondeu, com a bocca cheia, Padre Bernardo proseguindo na sua affanosa e pia missão de fazer pela vida.

— Se ao menos. . . .

— Que ha-de ser, — replicou com vóz alevantada Rodrigues, que alli estava em pé, com ademães de *Inspector geral*, e com uma salva de prata na mão, cortando de um golpe a pbrase de D. Anna, que emudeceu subitamente, — que ha-de ser, se nem já valem isempções, nem privilegios?

— Privilegios, sim; — continuou ella — já se não faz caso d'isso, como se fez algum dia: se fosse no tempo de minha avó, que foi açafata da rainha D. Maria Francisca Izabel de Saboia, ou de minha visavó, que foi. . . .

O cortêz e delicado Rodrigues, para escapar talvez ao costumado *autem genuit*, de que se via ameaçado, teve por discrição interromper de novo a sua ama: . . .

— Acabou-se o respeito e o acatamento aos fidalgos! deu tudo por ahí em pescar com anzol, e com redes de varrer. . . . e o mais é que se fossem só os da terra. . . . *transito*, mas uns. . . .

— Quem? — perguntou D. Anna.

— Quem? ; uns poucos de farroupilhas e aventureiros, que se não sabe de que casta são, e que que-

rem dar sótta e áz n'esta nossa briosa freguezia! . . . ah! cães, cães! . . .

— Mas quem são? de quem falla você, Rodrigues? — ousou de dizer D. Helena com um certo embaraço, em que bem transverberava o que havia de procelloso em sua alma.

— Fallo de um tal. . . . — eu nem sei quem elle é, — de um tal. . . Fernando. . . ou que quer que seja. . . de um. . . vadio! — e os olhos do atrevido criado se cravaram na filha de Bartholomeu da Cunha, — inflamados e prescrutadores, como os do *anthropophage Han d'Islandia*, e fizeram-n'a estremecer, como se o gêlo do passamento lhe houvesse calado nas vêas.

— Fernando? . . . — repeliu D. Anna — e d'onde veio elle? —

— Eu sei, — lhe tornou Rodrigues — veio. . . do inferno, Deus me perdôe. —

— Ai, Rodrigues, não diga tal! — atalhou a escrupulosa viuva, socorrendo-se mentalmente a um fervoroso *crêdo* para apagar o damno do escandalo, que recebera.

D. Helena aproveitou este lanço para pedir a sua mãe, que se alevantassem, porque eram dez horas já dadas, e porque os olhos, d'aquelle excomungado *feitôr* a perseguiam porfiôsos, como dois lobos famiãtos na côla de um cordeirinho.

As duas senhoras ergueram-se; e o padre, — que já estava como quem éra — entouu resmungando o *gratias agimus*, e terminou com o *requiescant in pace* por alma dos finados da *Lobaria*, e, benzendo-se e saudando-se, se foram todos tres aos seus aposentos.

Rodrigues ficou só: vacillou por um instante, como ruminando certo plano de alta monta, e depois foi açodadamente na pista do capellão, bateu-lhe no hombro, travou-lhe do braço, e arrastou-o, já meio atordoado pela cêa e pelo somno, para a sala mais remota das casas.

— Então, que me quer, Rodrigues? — disse o reverendo presbytero, maravilhado de tão extraordinario proceder, e tão abalado, que nem sabia se lhe havia de offerecer primeiro uma pitada do seu imenso e encebado caixão de *simonte*.

O importante Lourenço Rodrigues com meneios de um deputado, que se enfeita para improvisar um discurso de arromba, *tomou a mão para fallar*, como diz o nosso melodioso Manuel Bernardes:

— Padre! a honra d'esta casa tão nobre. . . a honra d'esta casa. . . sabe que mais? está perdida! —

— Que diz homem? — replicou recuando o capellão, e deixando caír da mão a bocêta do tabaco, — que diz!! —

— É isto, senhor Padre Bernardo, está perdida! —

— Appello eu! —

— Ora tenha a bondade de me ouvir: jogámos hoje a nossa *esquineta* em casa do seu amigo Torres. . . —

— Sim. — balbuciou o padre; e foi com este frio e estúpido monosylabo, que lhe respondeu sempre á sua ardente e enthusiasmada narrativa. —

— E o dêmo da sorte, que parece que me andava a perseguir, tantas e tantas dadas me deu, que perdi tres moedas de deseseis tostões em oiro, — não fallando n'uns miudos — só n'um mal-entrouxado conde de cópas! —

— Sim. —

— Ora bem vê que n'isto entrava traficancia por força, porque perder dôse vezes a fio. . . —

— Sim. —

— E vae, como eu suspeitasse que toda a manobra era d'aquelle pèrro Judeu de Braz das Moitas, cantei-lhe duas palavrinhas, que lhe fizeram chegar a mostarda ao nariz. E começámos — *dize tu, direi eu* — fômo-n'os travando de razões, fômo-nos picando um com o outro. . . —

— Sim. —

— Até que lhe calmei com a minha bengala pelas ventas. — Os outros levantaram-se, e apartaram-n'os; mas o diabo do homem, que tem uma lingua de vibora, vociferou, resmoninhou e tornou a resmoninhar. . . e entre mil arrojões e offensas, que se affoitou a dirigir-me. . . . apodou-me com a honra da *Lobaria*, apodou-me com chamar-me. . . . — eu nem lh'o quero dizer, padre. —

— Mas que foi? —

— Foi que me pregou nas bochechas, — aqui, n'estas bochechas honradas. . . — e n'isto batia com as mãos nas amarellas e encorrecadas faces.

— O que? —

— Que a nossa menina D. Helena, proseguiu Rêdrigues n'um tom mais baixo —, anda desencaminhada por namoração com esse. . . esse. . . Fernando aventureiro. —

— Jesus, nome de Jesus! —

— E jurou que sabia que elle lhe vinha fallar esta noite. —

— Isso é impossivel, — asseverou padre Bernardo, benzendo-se e persignando-se, — é. . . —

— É uma verdade pura. Se elle lhe topou com umas cartas da fidalga, que lhe caíram ao pé dos choupos, que estão á beira do rio! . . . é uma verdade pura! —

— Mas que não seja isso emburilhada de Satanáz para. . . —

— Qual historia! — se eu conheci-lh'o a ella nos olhos, quando fallei no tal pescador gamênho de má morte! . . . vilão, vilão! . . . — mas hei-de despicar a honra da familia; isso lh'o protesto eu; protesto-lh'o pela alma de meu amo, que Deus tem. —

— Mas que intenta você fazer? — observou o padre, todo assombro, e cambaleando em cima das escanifradadas pernas, como se fosse atacado de terçãs.

— Vou ajunctar os moços e criados da *lavoira*. . . —

— E depois? . . . que ha-de fazer? . . . —

— Logo o verá. —

— *A. Pereira da Cunha.*
(Continuar-se-ha.)

NOTÍCIAS.

ESTRANGEIRAS.

Extraímos litteralmente as seguintes do *Diario do Governo*: —

2742 EM INGLATERRA a 13 do corrente houve em ambas as camaras um prolongado debate ácerca da politica interna do paiz.

Na camara dos lords o marquez de Normanby examinou a situação da Irlanda, impugnando as medidas do governo. Na camara dos communs lord John Rus-

sel, por espaço de tres horas se occupou com a mesma questão, taxando de inefficazes as providencias para acalmar a irritação dos animos em Irlanda, reclamando largas concessões como o unico meio de obstar aos progressos do *Repeal*, e aos esforços dos agitadores.

Sic James Graham por parte do governo respondeu, que todos os actos do executivo ácerca da Irlanda haviam sido dirigidos com vistas de promover os interesses d'essa parte do imperio britannico, pondo igualmente termo á conspiração permanente que se fazia por via da associação do *Repeal*, e em que O'Connell e outros eram os principaes culpados. Confrontou os precedentes da administração whig com os do gabinete actual, e concluiu que a differença entre elles era decididamente favoravel á politica dominante, que unia a franqueza á lealdade e a energia ao empenho de fazer justiça sem distincção de partidos.

De Dublin ha noticias até 12. — Depois das largas exposições do advogado dos réos Whitreside, de Daniel O'Connell, do advogado geral, e do lord Chief Justin formularam-se os quesitos nos seguintes termos: — o 1.º se os réos conspiraram illegal e maliciosamente para excitar o descontentamento entre os subditos de sua magestade, odio e ciume entre diversas classes, inquietação no exercito, desprezo para os tribunaes estabelecidos, e para effectuar mudanças no regimen e instituições do paiz, depreciando as existentes; o 2.º quesito é quasi como o primeiro omitindo a circumstancia da illegalidade; o 3.º refere-se aos sediciosos e illegaes ajuntamentos; o 4.º ás tentativas para indispor o exercito; o 5.º aos esforços para chamar odio e desprezo sobre o governo da rainha; o 6.º ás tentativas de intimidação para deprimir o governo; o 7.º aos meios a que se recorreu para dissolver a união legislativa da Grã-Bretanha; o 8.º, 9.º e 10.º á tentativa para substituir os tribunaes constituidos para administração da justiça; e finalmente o 11.º ás ameaças empregadas para reunir muita gente, e ás expressões provocantes e inflamatorias.

O jury demorou-se mais de seis horas em conferencia, e quando voltou com o seu *vere dictum*, teve de retirar-se novamente, porque não se achava em conformidade com a lei, e porque apresentava conclusões absurdas.

Depois de alguma demora o lury voltou com a sua decisão, pela qual Daniel O'Connell, John O'Connell, Thomaz Steele, Thomaz Ruy, e John Ruy, Richard Barret, Charles Gavan Duffy são declarados culpados em quasi todos os quesitos. O reverendo Thomaz Tierney, fallecido, é excluido da decisão.

Os advogados dos réos oppoem as suas allegações contra algumas irregularidades; e as sessões do tribunal, que duraram um mez, ficam addiadas para abril d'este anno.

A decisão do jury causou bastante impressão em Dublin; mas a tranquillidade publica não havia sido alterada.

Daniel O'Connell publicou uma das suas usuaes proclamações, reclamando o maior socego, a deferencia ás leis, e a abstinencia do menor acto de violencia.

As reuniões dos partidistas, e dos adversarios das leis dos cereaes continuavam em diversas povoações de Inglaterra.

As noticias da India e China recebidas em Londres

não são de importancia. No Scinde as enfermidades causavam bastante estrago não só nas tropas europeas, como nas sipaes. Em Subkur nove decimos das forças militares se achavam doentes.

A segunda camara da dicta hungara resolveu, em sessão de 27 de janeiro, que n'esse paiz se ensaiasse o julgamento por jurados, para conhecer a utilidade de semelhante instituição.

O *Jornal de Francfort* declara que o rei de Suecia Carlos João, foi atacado de uma apoplexia a 26 do passado; que os soccorros da arte haviam palliado algum tanto os effeitos do ataque a 27: mas que se receava muito que o velho monarcha succumbisse.

A *Gazeta d' Augsburg* traz noticias de S. Petersburgo em data de 27 de janeiro, confirmando a victoria alcançada pelos russos ás ordens do general Fregtag sobre os circassianos do Caucaso. Seis mil destes foram ou mortos ou aprisionados.

O czar publicou uma ordem para educar á custa do Estado alguns mancebos que se proponham exercer as funcções do sacerdocio catholico-romano.

A *Gazeta de Posen* dá a intender que os principios dos communistas francezes se introduziram na Polonia, e que se descobriram tramas para os levar a effeito. Muitos individuos foram desterrados para a Siberia, e outros fugiram para a Prussia.

As folhas dos Estados-Unidos alcançam até 24 do passado. O governo annunciou ao congresso que esperava concluir amigavelmente a contenda com a Inglaterra sobre a occupação do territorio do Oregon. Ratificou-se um tractado com a França para a entrega reciproca dos criminosos que fugirem de ambos os paizes. Não havia esperanças de que se alterasse a pauta das alfandegas, porque o Estado da Pensylvania até agora partidista da liberdade de commercio, se declarou pelo systema protector.

As folhas de Madrid alcançam até 20 do corrente.

A 17 recebeu a embaixada franceza um correio extraordinario de Bayonna transcrevendo a parte telegraphica com a noticia de ter saído de Paris em direcção á Catalunha S. M. a rainha Christina a 15 pelas duas horas da tarde.

O *Heraldo* diz que houve ultimamente algumas explicações francas e affectuosas entre o governo e o serenissimo Sr. infante D. Francisco de Paula, em resultado das quaes se restabeleceu a melhor harmonia entre a familia real.

A praça rebelde de Alicante não fez hoje um só disparo, nem occorreu na linha de bloqueio outra novidade senão a chegada do 3.º batalhão de Albuhera, procedente de Catalunha, fortificando-se mais a extrema direita a fim de resistir, melhor aos fôgos combinados da praça e dos faluchos artilhados que tem os rebeldes.

PORTUGAL.

2723 Póde emfim considerar-se como abortada a tentativa de insurreição, que nos precedentes numeros noticiámos. Eis-aqui o andamento que as operações tiveram, desde o dia em que se effectuaram as que ultimamente descrevemos.

Os sublevados que haviam saído de Castello Branco, entraram no dia 15 em Vella, e a 16 na Guarda, comandados pelo conde de Bomfim. Sabendo que as for-

ças do governo se approximavam, retiraram-se no dia 19 para Almeida.

No meio tempo, o coronel Caldeira, do regimento 12, continuava a acolher os numerosos soldados do seu corpo, que desertavam das fileiras contrarias.

O Barão de Leiria, com a columna do seu commando, introu em Sobreira-Formosa a 18, nas Sarzedas a 19, e a 20 em Castello-Branco, onde se lhe reuniu o coronel Rezende, com 2 esquadrões de cavallaria 5.

A 21 saiu para Alpedrinha. A 22 para a Covilhã, A 23 para Belmonte. A 24 para a Guarda.

O visconde de Fonte-Nova, com os regimentos 9 e 14, pernitoou a 17 em Mangualde; a 18 em Castendo; a 19 junctou-se com o visconde de Vinhaes; a 20 chegou a Trancoso.

O visconde de Vinhaes pernitoou em Lamego a 17 com toda a sua divisão; e a 19 fez a junção das suas forças com as do visconde de Fonte-Nova, em Cruze da Beira, havendo-se aggregado tambem o general Padua com alguma força. A 21 ficou o visconde de Vinhaes em Pinhel.

Segundo as noticias, hoje chegadas, consta que os levantados tiveram a imprudencia de se conservar em Almeida, praça hoje sem defenza alguma, e que até a carne e pão quotidiano recebe regularmente da Hispanha; dando assim occasião a que as forças do governo se disposessem para atacar a praça: sabendo-se já que o visconde de Fonte-Nova fizera pessoalmente um reconhecimento, e intimára aos sitiados para que, sem demora, deposessem as armas; isto no dia 24. Esperava-se a todo o instante a columna do barão de Leiria, para apertar ainda mais o cerco, e impossibilitar que alguns se evadam. O telégrapho amanhã dará sem duvida os pormenores da terminação d'esta desgraçada tentativa.

Como previmos no ultimo artigo, a prorogação da lei da suspensão das garantias até 31 de março foi approvada pela camara dos pares; e no dia seguinte foram addiadas as camaras até o dia 22 de abril.

A' ULTIMA HORA. — As ultimas noticias de Almeida são de antes d'hontem, 26. O barão de Leiria effectuou n'aquelle dia a junção das suas forças com as dos outros generaes. Os sitiados não se tinham ainda rendido. E' sabido que na Hispanha os tem parallelamente seguido uma columna volante de observação, a qual, tanto como o assedio, impedirá que d'alli venham viveres para a praça, onde os não ha, nem forragens, senão para mui poucos dias. E' de crer portanto que o plano venha a ser redusil-os pela fome, para não arriscar ao sacrificio de algum soldado.

ACTOS OFFICIAES.

2724 *Diario do Governo de 15 de fevereiro.* — Decreto mandando fazer arresto nos bens dos auctores e complices da revolta do Torres Novas. A côrte deita lucto por dois mezes pela morte do duque reinante de Saxe-Cobourgo Gotha. Portaria resolvendo algumas duvidas do governador civil de Angra. Portaria á commissão administrativa da casa-pia, de que já se havia expedido aviso ao cardeal patriarcha avisando-o de que Sua Santidade concede aos alumnos da casa-pia licença para comerem de carne em todo o anno, excepto dez dias, que marca, e louvando o nosso ministro em Roma por haver pago os trinta e cinco escudos romanos, em que importou a licença. Venda e remissão de fóros e pensões.

Idem de 16. — Alvará elevando o logar de Paredes á categoria de Villa. Ordem do exercito n.º 7 de 14 de fevereiro. Venda e remissão de fóros e pensões.

JUSTIÇA LITTERARIA.

2725 Uma divida nacional, já de alguns annos, acaba de ser paga pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, na sua sessão de 21. Alli se proclamou unanimemente para socio o nosso amigo, Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo. A Academia, fazendo um acto de justiça, adquiriu ao mesmo tempo um grande lustre incorporando em si um tão bello nome; e uma utilidade ainda maior pela grande somma de conhecimentos historicos, já enthesoirados pelo novo adepto, e pela sua incançavel assiduidade em trabalhar. Na mesma sessão foi nomeado socio correspondente o presidente da Academia das Sciencias de Turim.

UMA DISCIPULA QUE DÁ HONRA AO MESTRE.

2726 No sabbado, 24 do corrente, foi pela primeira vez representado no theatro dos Condes o drama intitulado — A Doida de Londres — em beneficio da Sr.^a Radice; e tambem n'esse mesmo drama foi a estrêa da Sr.^a Emilia Costa, discipula do Sr. Epifanio, que desempenhou com muita habilidade o papel de Miss Anna Butler. Seria quera inverter a ordem e o curso natural das coisas humanas, o exigir féra, e muito antes, de tempo uma perfeição acabada em quem apenas começa a aprender e exercitar-se em arte tão difficil, onde os proprios mestres, e ha muito professoes, se lhes passam exame apertado, são acoimados em muitas imperfeições e erros. Cabe-nos pois toda a razão para animarmos, e ainda para louvarmos o talento da Sr.^a Costa; e se do que é já tão de começo, podemos presagiar o que tem de vir a ser; havemos, que, se continuar a ser cultivado, o veremos um dia brilhar como ornamento do theatro portuguez.

É a Sr.^a Costa dotada d'uma voz clara, sonora, e docil; sabe modifical-a com propriedade: sua pronunçação é facil sem affectação, e animada de gesticulação conveniente e natural: tem enfim uma feliz disposição, que promette grandissimos progressos; quaes devemos esperar do talento da discipula e da consummada habilidade do mestre, em cujo credito redundam os louvores, que lhe tributamos de presente, e esperamos tributar de futuro: quando na realisação de tantas esperanças virmos a quanto podem chegar os talentos de nossos artistas, livres da triste tutela estrangeira, que por tantas formas lhes rouba o credito e a fazenda.

O que já estamos vendo no theatro portuguez, é um bom argumento de que não carecemos n'esta parte de serviços estranhos: o futuro desenganará os teimosos, e os fará desprezar aventureiros, que no largarem as grandes e florecencias de suas teras por esta nossa tão pobre e desprezada, já nos dão amstras do a que veem. Não é o talento que nos falta, senão o amor ás nossas coisas. Pelo que nos toca, e quanto poderem nossas forças, hemos sempre de louvar e animar o talento portuguez.

SABENÇA DE UNS JURADOS.

2727 N'um processo julgado nas audiencias geraes de Braga, a 19 do mez passado, em que se tractava de certos ferimentos feitos n'uma taberna, respondeu o jury ao primeiro quesito assim: *Esta; Não; Esta* Porrado por a nimamente; e a todos os mais: *Esta* Porrado por a nimamente. E como o juiz lhes disse que não intendia a resposta ao primeiro, replicaram

que o que elles queriam dizer na sua, era, que estava aporrado por aninamente.

Ora é bem de crer que os ingenuos cidadãos julgadores, sabiam tanto a accepção do adverbio como escrevel-o; e o mesmo seria quanto ao verbo approvar.

E não obstante deram a sua sentença, o que não acontece a todos os que vão a Coimbra.

NECROLOGIA DE LISBOA E BELEM NO ANNO DE 1843.

2728

MEZES	MASCULINOS			FEMININOS			TOTAL	TOTAL NORMAL
	MAIORES	MENORES	TOTAL	MAIORES	MENORES	TOTAL		
Janeiro . . .	254	83	337	188	78	266	603	602
Fevereiro..	165	89	254	122	103	225	479	504
Março . . .	194	92	286	144	79	223	509	584
Abril	175	84	259	155	86	241	500	532
Maió	184	106	290	149	89	238	528	497
Junho . . .	165	92	257	132	87	219	476	479
Julho	160	113	273	151	126	277	550	603
Agosto . . .	223	145	368	164	114	278	646	625
Septembro.	198	108	306	157	116	273	579	573
Outubro . .	263	134	397	173	110	283	680	595
Novembro .	251	103	354	211	106	317	671	582
Dezembro .	292	102	394	222	105	327	721	589
Somma . .	2524	1251	3775	1968	1199	3167	6942	6765

Os titulos das columnas indicam a sua significação; e a ultima representa o numero medio dos obitos, que compete a cada um dos mezes em anno regular, deduzido do ultimo quinquenio. (Veja-se a Memoria que a este respeito publicámos na *Revista* n.º 42 de 21 de julho de 1842, artigo 614.)

A analyse d'este mappa nos indica, que a mortalidade total do anno excedeu a média em mais 177 obitos, sendo para notar que nos primeiros nove mezes diminuiu a mortalidade relativamente á média, em 429 obitos; e que nos ultimos tres, que foi a epocha funesta, a excedeu em 306. Os mezes doentios de julho e agosto, conservaram, e até excederam, a sua qualidade mortífera, já mencionada na citada Memoria, assim como os dois mais saudaveis mezes do anno, maio e junho, mantiveram a sua benefica influencia; pois que a mortalidade apenas excedeu em 28 obitos á normal, apesar da irregularidade meteorologica de junho, que decorreu com uma temperatura mui variavel, e em geral fria para a estação, além de chuvosa relativamente ao nosso clima.

M. M. Franzini.

NECROLOGIA ARISTOCRATICA.

(Communicado.)
2729; PASSAM as maiores pompas; — passam as mizerias infimas; — tudo passa — e só Deus fica! — Caem as cidades, monumentos dos homens — caem as arvores e gastam-se os montes, monumentos da natureza: — caem as familias historicas, monumentos das antigas eras, — ; que muito que o homem, florescia

efémera entre tantas ruínas grandes que desaparecem, desapareça também!

Mais um triste e infeliz, por que era humano, trocou o penar d'esta vida pelo descanso da outra, que só se não transforma, nem tem fim.

Oremos por Pedro de Mello da Cunha de Mandonça e Menezes, II. marquez de Olhão, II. conde de Castro Marim, IX. monteiro mór do reino: grã cruz da Ordem de Christo, presidente do antigo senado de Lisboa. Depois de longa, e penosa enfermidade, no dia 2 de feveireiro do anno de 1844, se finou aos 59 annos da sua idade. Da melhor nobreza d'este reino, filho dos primeiros marqueses de Olhão, e primeiros condes de Castro Marim, — os Exm.^{os} Srs. Francisco de Mello da Cunha de Mendonça e Menezes, e D. Joaquina Telles da Silva.

No verdor dos annos se ligou por casamento, com a Exm.^a Sr.^a D. Marianna de Menezes, filha primogenita dos Exm.^{os} Srs. Condes de Caparica, hoje marquez de Vallada: quiz porém a Providencia, experimentar a sua firmeza, e paciencia, logo na primavera da vida: — levou-lhe a espoza, — espoza idolatrada, e mãe carinhosa de oito filhos, que, a muita formozura, reunia subida virtude: soffreu este golpe inesperado, com a resignação de christão, e com a coragem do homem forte, que tudo espera no Senhor.

Desempenhando as obrigações, dos eminentes cargos, que occupava, não se esquecia da educação de seus filhos, nem de cultivar as lettras, que amava do fundo da alma. Varão probo, de firmeza de character inabalavel, de maduro conselho, litterato sem ostentação, sabio, modesto, bom filho, bom esposo, bom pae, e o melhor dos amigos. O ultimo quartel da sua vida, foi gasto em infortunios, e cortado de trabalhos. Muito amou, e serviu a sua patria, que n'esse seu derradeiro viver de angustias, se deslembrou d'elle: mas a sorte é essa que aguarda a todo o mérito. Na hora do passamento, a indiferença é a partilha que cabe ao homem que, durante a sua existencia, deu á patria todos os seus cuidados, e amor! Mas perdôa o justo essa mundana injustiça, por que os sonhos da vida, e as illuzões da alma, passaram; e Deus que é bom, grande, e eterno, recebe ao homem virtuoso na Morada Celeste. Mas cá na terra, deixou esse homem, corações repassados de magua! Carpem-n'o os filhos, chorão-n'o os amigos, e como a consolação dos tristes, na hora do desamparo, é a Cruz, sobre a pedra do sepulchro: e abraçados á Cruz, orando por elle, filhos, e amigos, lhe deixam, esta saudade, testemunho de seu filial amor, e respeitosa amizade.

QUEM DÁ O SEU ANTES QUE MORRA ETC.

(Carta.)

2730 EM Queimadella, a uma legua de Lamego, um sujeito, por appellido *Lã-branca*, para arranjos de um sobrinho lhe fez doação por escriptura de todos os seus bens, com obrigação de o sustentar, vestir e calçar. Logo que foi assignada a escriptura, verdadeira acta de suicidio para o pobre velho, principiou o sobrinho a maltratal-o, a ponto de o deixar até curtir muitas faltas do necessario. Um dia do passado novembro disse o triste do desherdado ao seu ingrato, que esia a *Moimenta*, onde tinha relações, vender um

lameiro. O outro lhe tornou, que nas boas horas fosse que também elle lá tinha de ir. Vendo-o partir, seguiu-o de perto. Chegados ao sitio de villa *Chã*, sitio emboscado e solitario, sem ainda ter sido por elle percebido, dá-lhe um tiro: — cae o desafortunado; estrebuxa, vence ainda pôr-se em pé; o assassino torna a carregar, atira de novo, e acaba-o.

Gojoim 15 de feveireiro de 1844.

Bernardo Antonio Cardoso Machado.

SEVICIAS BRUTAES.

2731 Como queixa e denunciação feita ao respectivo juiz do crime, ou a quem competir, traz um jornal de Porto, do fim do mez passado, um pathetico artigo que resumido vem a ser o seguinte:

Na rua de Sancto Catharina, numero tantos, mora um máu homem (traz-lhe o nome por extenso que nos pareceu dever omitir) pessimo pae, e detestavel marido. É casado com uma senhora ainda moça, natural do Brazil, e de muito boas qualidades, a quem elle tracta, não como d'antes se tractava uma escrava, mas como se ella fôra um animal feroz. Tem sempre á mão um chicote, com que a fustiga, se lhe não apparece logo quando a chama, ou lhe esquece fazer alguma coisa que elle manda. A infeliz traz sempre o corpo magoado, e o rosto cheio de vergões, porque o seu estúpido verdugo compraz-se em lhe bater pela cara.

Tem um filho de dois annos, que também anda sempre moido de pancadaria, que lhe dá o pae, apesar da sua tenra idade. Como elle desgraçadamente dorme na mesma cama entre o pae e a mãe, quando succede chorar, o façanhudo pae pega n'elle, põe-n'o no chão, onde a pobre mãe o vai buscar com muitas lagrimas.

Ninguém o quer servir, porque dá em todos os criados, e mata-os á fome. Levou para casa um sobrinho a titulo de o mandar educar, coisa que nunca fez, porque lhe serve de criado, e ultimamente deu-lhe tanta pancada que o fa cegando do olho esquerdo; e como o rapaz lhe fugiu, o barbaro foi em busca d'elle, trouxe-o para casa, e não lhe morreu nas mãos, porque zudiu áquella flagellação o cabo de policia e a visinhança.

Costa-nos sobremaneira a crer que haja entre nós um pae de familias tão abominavel!

MELANCHOLICO ENTRUDO.

(Carta.)

2732 Onde estamos nós? — Farão favor de me dizer, se este nosso paiz está na classe dos civilizados ou dos barbaros!

N'estes tres dias chamados d'*entrudo*, dias em que desgraça e fome se tornam dobradamente insupportaveis, fizeram-se aqui escusadamente passar fomes, frios e trabalhos a uns poucos de homens, alguns d'elles já respeitaveis e sagrados pelo seu infortunio. Quando toda a gente d'esta villa andava no seu maior regosijo, quando os campinos, pescadores e operarios estavam nas baías cantando os ritos delirantes de Bacco, e a rapasiada fina andava em bando mascarado, percorrendo a cavallo as ruas da villa, debaixo de chuveiros de tremoços e feijões, que as bellas lhes lançavam, estava eu a commentar comigo os tres casos, que vou referir.

No Domingo gordo vinha de Lisboa um desgraçado, que tinha saído do hospital de se curar de uma malina; e que pedira lhe dessem alta no sabbado para chegar a tempo de passar estes tres dias com a sua familia, que era das bandas da *Merceana*, termo d'Alemquer: e como não trouxesse passaporte, teve de os passar na enxovia, mesmo molhado como estava, sem d'elle mais cuidarem; dormindo em uma caza terrea, toda formada de pedras, muita fria e humida, e padecendo o fétido de uma pessima letrina, visinha sua.

Na segunda feira, um doente que vinha da provincia cheio de dores, queixando-se muito da cabeça, e que vinha transportado por conta das misericordias das villas, apparece na d'esta, vindo da de *Villa Franca*, condusido em um carro, exposto ao tempo, sem nada mais do que uma esteira muito velha; vindo no carro aos salabancos por estas pessimas calçadas, dava este misero enfermo taes gemidos, que a todos cortava o coração, excepto ao desalmado do carreiro, que picava cada vez mais os bois. D'aqui foi condusido na maca d'esta sancta caza para a d'*Alverca*, e nada mais soube d'esta pobre victima da natureza, dos bois, dos homens e das misericordias.

No outro dia vinha de cima para Lisboa um moço, que se recolhia de acompanhar seu amo até á *Azambuja*; e chegado que foi a esta villa, como não trouxesse passaporte, lá foi fazer companhia ao miseravel da *Merceana*, e teve de dormir todo molhado, e sem manta ou cobertura, porque a não tinha.

Coisas d'este genero já tem acontecido um sem numero de vezes, e acontecerão sempre, pois a não ser a bondade do carcereiro d'esta cadêa, que muitas vezes tenho visto mandar por seus filhos, pão e agua para estes desgraçados, e mesmo a philantropia de alguns habitantes, muitos d'alli já não sairiam senão mortos, ou próximos a isso, de fome e frio, pois nenhum governo se tem lembrado de providenciar nada a tal respeito, nem sequer as camaras municipaes d'esta villa.

Alhandra 20 de fevereiro de 1844.

Lazaro Joaquim de Souza Pereira.

O INNOCENTE QUE SE ENFORCA PELO CULPADO.

2733 Um trabalhador da quinta de Caxias que andava, havia tempos, desconfiado da fidelidade de sua mulher, muito triste e vexado, parece que ultimamente vendo que se não enganava, dependurou-se pelo pescoço n'uma arvore que havia defronte da porta do que suppôz seu affrontador.

O almoxarife mandou logo deitar abaixo aquelle patibulo, que lhe mettia horror.

Quasi no mesmo ponto tres bellas coisas appareceram de menos — no mundo um homem — na sociedade uma mulher de vergonha — e na quinta de Caxias uma arvore!

A MORTE SAIDA DE UMA MINA DE OIRO.

2734 NA FREGUEZIA da *Granja*, tres leguas ao nascente de *Lamego* — nos conta o Sr. Bernardo Antonio Cardoso Machado — havia um boticario por nome João d'Almeida: a mulher d'este e uma visinha pobre sonharam ambas pelo mesmo tempo, que juncto á pequena ponte de um rio, que atravessa a freguezia,

jazia um thesoiro sotterrado: — quando não fosse o interesse da riqueza, bastava a curiosidade natural d'estas duas filhas de Eva, para as mover a irem certificar-se da verdade.

Era um dia de dezembro ultimo, cêrca da meia noite, quando se puzeram a caminho, levando por guarda-costas o pharmaceutico a quem pareceu melhor previnir com a sua presença o que podesse succeder, do que ver-se depois necessitado a gastar a fazenda da botica no curativo da sua metade: e demais, um boticario é tambem filho de Eva como qualquer outro.

Chegados ao sitio com os espiritos um tanto perseguidos de moiras encantadas, mas refulgentissimos de montes de oiro, metteram mãos á obra, demovendo e atirando para o rio as pedras que jaziam no logar sonhado. Se acharam ou não alguma coisa é que ao certo se não pôde afirmar; como quer que fosse, tornaram-se para as suas poisadas, sem terem sido percebidos de alma viva afóra certa moleira, que recolhendo-se do seu moinho para caza áquellas horas ou deshoras, os encontrára na empreza e os conhecêra.

Se de feito acharam dinheiro, como se cuida, não repartiram d'elle com a comadre. Era injustiça; excitou murmurações nos visinhos.

Por meio de janeiro um d'estes lembrando-se que ha morrer e viver, mas esquecendo-se de que no viver ha tambem o estar doente e carecer do boticario, e que, quem sophisma o direito de propriedade, mais depressa pôde sophismar uma pilula ou uma tizana, mandou ao presuppuesto detentor injusto do alheio uma intimação de que, ou restituísse á companheira no sonho e no achado a sua quota, ou se preparasse para se haver com elle, que tinha assentado em lh'a ir tomar por força para a dar a cuja era. Atterrou-se o boticario, e caíu n'uma melancholia monomaníaca, não dizendo senão, que o matavam. A 1 de fevereiro, tendo sua mulher de acompanhar o pão para o forno, e vendo-o ainda mais pensativo do que de costume, lhe pediu e supplicou, fosse com ella: — desculpas, recommendações de que torne breve e nada mais: — a mulher saíu e elle ficou só: — aproveitou então o lance e saíu, tambem deixando na caza duas vélas accezas, e a porta apenas cerrada.

No dia seguinte estava em *Moimenta da Beira*, em caza dos fidalgos Sarmentos, onde pernoitou. Na seguinte manhã, que foi um sabbado, uma criada, que lhe entrou no quarto a levar-lhe agua para se lavar, e a cuja saudação elle correspondeu cortezmente, não havia muito, que o deixára, quando ouviu um tiro e um certo reboliço, que se figuraram ser lá. Correm, entram, acham-n'o estendido no chão sem vida, e com a mão esquerda chamuscada da polvora: com aquella mão se cuida, que teria pegado na bocca da arma para não errar o tiro; — e não o errou, que uma bala, quartos e buxa tudo lhe entrou na cabeça.

PROVIDENCIA UTILISSIMA.

2735 CONSTA — que a auctoridade policial da cidade do Porto, mandára — que todas as meretrizes fossem ao hospital para se conhecer do seu estado de sanidade, ficando alli retidas todas as que estivessem enfermas.

Parece que de cento e tantas que alli compareceram, poucas foram as que lá não ficaram.